

Moral da História

João Figueiredo

sobre *Renegotiating Ethics in Literature, Philosophy, and Theory*.

Jane Adamson, Richard Freadman and David Parker (eds.).

Cambridge: Cambridge U. P., 1998.

Um dos fenómenos mais importantes ocorridos na filosofia moral durante a última década consistiu no recurso à literatura para tentar responder à questão ‘Como devemos viver?’ Os estudos literários, por sua vez, reagiram de modos diferentes aos novos usos que foram sendo dados aos romances de Proust ou Henry James, mas de modo algum permaneceram indiferentes à intromissão da filosofia nos seus campos de trabalho. O ‘Ethical Turn’ dos anos 90 permitiu, por exemplo, o uso recorrente do vocabulário da ética para descrever e reconfigurar alguns problemas tradicionais relacionados com o estudo da literatura: a escolha entre interpretações, a avaliação qualitativa das obras ou os efeitos pragmáticos da literatura. Na introdução ao volume, David Parker é da opinião que o maior ganho dos estudos literários no encontro com a filosofia moral consistiu na possibilidade de a crítica literária com interesses éticos se tornar articulada metadiscursivamente graças a filósofos como Martha Nussbaum, Charles Taylor ou Bernard Williams (12).

Todavia, dada a voga de que o neo-historicismo e os estudos culturais gozavam de modo quase generalizado quando Nussbaum publicou *Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature*, em 1990, acabou por ser precisamente a consideração dos efeitos pragmáticos das obras literárias que se veio a exibir com maior visibilidade na zona de intersecção das duas disciplinas. A consideração de que um romance exhibe um conjunto de virtudes ou de vícios específicos da época e do contexto cultural em que foi escrito parece legitimar a sua utilização não apenas para descrever essa época histórica ou esse contexto mental, mas também para exemplificar condutas de vida e comportamentos que devemos adoptar ou evitar.

Não é por acaso que Martha Nussbaum surge, no ensaio de Parker, associada a Richard Rorty (e a Williams e Taylor) como expoente do filósofo que recorre à literatura para dela extrair modelos de como devemos agir em relação aos nossos “fellow human beings.” Nussbaum, essencialmente um epígonos de Rorty, e que contribui com um ensaio sobre Dickens, acaba por ser, tal-

vez não surpreendentemente, a figura tutelar deste volume colectivo. A posição contra Kant e anti-fundacionalista de Nussbaum leva-a a opor a economia utilitarista determinada por princípios gerais à imaginação literária que supostamente suscita no leitor de romances ‘maravilha e generosidade’ capazes de inspirarem um sentimento de simpatia pelos outros seres humanos. A racionalidade e os princípios *a priori* são substituídos pela leitura de romances e pela putativa reflexão individual que dela se gera. O uso que Nussbaum faz da literatura manifesta, porém, uma ingenuidade comum a muitos filósofos (*e. g.*, Rorty) sem um treino especificamente literário e que pode ser demonstrada com o exemplo que se segue. O ensaio de Nussbaum, “The literary imagination in public life,” termina com a citação do fim de *Hard Times* de Dickens: “Dear reader! It rests with you and me, whether, in our two fields of action, similar things shall be or not. Let them be! We shall sit with lighter bosoms on the hearth, to see the ashes of our fires turn gray and cold.” Desta interpelação ao leitor, Nussbaum extrai a conclusão segundo a qual Dickens transporta a ‘mensagem’ não utilitarista do romance para a interacção do leitor com o mundo. A autora ignora, contudo, que Dickens apenas se limita a utilizar um velho truque de romancista que consiste em fazer uma intromissão—uma de muitas, de um modo ou de outro—na narrativa a fim de sugerir (neste caso, asseverar) a possibilidade de aquelas coisas acontecerem (comparável a, *e. g.*, “Está agora o leitor a pensar ...”). O que é apenas uma moldura metalinguística que cria verosimilhança a partir da exibição ostensiva do artifício literário surge apressadamente aos olhos de Nussbaum como uma injunção normativa aplicável àquilo a que ela chama a ‘esfera pública’: “...it is not as economic utilitarians but as readers of novels that we should approach the social choices before us, trying, before our death, to consider our fellow citizens... with the wonder and generosity that this imagination promotes” (246).

Uma das apologias mais entusiásticas de Nussbaum vem da parte de Cora Diamond, num ensaio intitulado “Martha Nussbaum and the need for novels,” que é, simultaneamente, uma crítica da falta de entusiasmo com que R. M. Hare avalia a importância dos romances para o estudo da filosofia moral. Segundo Hare, os romances caracterizar-se-iam por fazerem apenas prescrições universais, não se podendo senão encontrar tipos de comportamentos morais que dificilmente se poderiam configurar como atitudes de uma pessoa particular. A defesa que Diamond faz de Nussbaum contra Hare insurge-se contra este princípio ao afirmar que o género ‘romance’ pode constituir o

único modo possível de transmitir certas posições morais, não necessitando estas de ilustrar outras posições previamente apresentadas pela filosofia. Diamond reafirma, na esteira de Nussbaum, a necessidade de se ler os textos com atenção, coisa que, na sua opinião, Hare decididamente não faria. Se este investimento de análise literária se distingue, *prima facie*, de uma concepção da literatura como ilustração, a verdade é que uma leitura atenta do ensaio de Diamond é reveladora de alguns equívocos comuns a Nussbaum e aos seus apologistas. A correcção que se faz de Hare falha o alvo ao não incidir sobre 'prescrições' mas sobre o adjectivo que a qualifica: 'universais.' É certo que se pode lamentar (ou apenas admitir) o facto de não haver ninguém a quem uma personagem obrigada a fazer determinadas escolhas num romance se possa referir. Por isso, de um ponto de vista do Aristóteles 'poético' (e não necessariamente do Aristóteles 'ético'), é possível dizer que os romances apresentam universais ou tipos, operando uma mimese prévia a indivíduos concretos. Em vez de contestar a natureza prescritiva da literatura e a suposição de que os romances têm uma moral (o que um profissional dos estudos literários que ainda resistisse à hegemonia crescente do culturalismo poderia fazer), Diamond procura demonstrar, recorrendo a *The Prelude* de Wordsworth, que as narrativas literárias apresentam "moral views in which there are links between some conception of moral psychology, a conception of language and the world, and a conception of how specific moral judgments may be related to views of life and human fulfilment" (46-7). A tese segundo a qual a literatura se substitui às teorias morais tradicionais incorre ainda no equívoco de supor que todos os leitores se vão comportar da mesma maneira depois da leitura de um mesmo romance, este agora tendo o estatuto do fundamento metafísico que se pretendia eliminar.

Os argumentos que Raimond Gaita apresenta contra os kantianos e os reducionistas-naturalistas que excluem as vicissitudes da "inner life" dos conceitos básicos da moral são muito mais sofisticados e interessantes que os de Martha Nussbaum ou Cora Diamond. O título do seu ensaio, "Common understanding and individual voices," apresenta abreviadamente o problema que a maior parte destes autores tentam resolver: o de saber se a moral é fundada em princípios gerais objectivos e independentes de pontos de vista localizados ou se, pelo contrário, os conceitos morais são determinados culturalmente. Gaita parte do princípio de que os interesses, desejos e concepções do bem e do mal que são objecto de teorização por parte dos naturalistas com um pendor reducionista não deixam de ser condicionados

pelas perspectivas éticas que deveriam explicar e admite também que este reducionismo pode pressupor uma visão igualmente reducionista da psicologia moral, não se devendo correr o risco de converter os fenómenos da 'vida interior' em meros dados psicológicos e de tentar separar conteúdos cognitivos de formas emocionais (275).

Raimond Gaita utiliza frequentemente a expressão 'gramática' para descrever as idealizações pseudo-científicas do tipo 'God's eye-view' que excluem os fenómenos da 'vida interior' e que tratam, *e. g.*, o sentimentalismo ou o *pathos* como contingências que perturbam uma função cognitiva que poderia ser caracterizada de modo independente. A solução que Gaita encontra para recusar este ponto de vista sem todavia subscrever a concepção extremada, *à la* Kierkegaard, do filósofo solitário, para quem os fenómenos morais seriam pessoais e inteiramente *sui generis*, não sujeitos a nenhuma gramática, reside na constatação de que "we learn from what moves us because its epistemic authority is inseparable from the fact that it moves us" (284). A tomada de consciência da impossibilidade de separar o conteúdo cognitivo da forma emocional "reveals that we cannot assess whether we have been rightly moved by appeal to a conception of reason whose constitutive categories may be specified independently of our vulnerability to being wrongly moved..." (284-5).

Ao longo do ensaio, Gaita limita-se a uma única e breve referência, à literatura. Mas é o suficiente para fazer alguma luz sobre o texto e para, finalmente, nos levar à conclusão, apesar do refinamento conceptual do autor, de que o argumento é, afinal, nosso conhecido: a tensão originada pela aspiração a uma ética universal e pelo reconhecimento da importância da 'inner life' no pensamento moral teria sido melhor resolvida, segundo o autor, se a filosofia tivesse sido "more attentive to the understanding of life offered by literature rather than by science or metaphysics..." (270). Os termos 'literatura' e 'estudo da vida interior' são aqui co-extensivos e não é, pois, de admirar que Gaita, subscritor implícito de uma versão da literatura como espelho dos modos de sentir ao longo da história da humanidade, sugira uma proximidade de interesses com os estudos culturais, o neo-historicismo e os estudos pós-coloniais.

A noção de que só a literatura pode fornecer determinado tipo de informação acerca do pensamento moral (porque está do lado da contingência emocional) é também subscrita por Simon Haines, um crítico literário, em "Deepening the self: the language of ethics and the language of

literature,” um artigo, apesar de tudo, merecedor de atenção. E Martha Nussbaum é também crucial para o ensaio de John Wiltshire, “The patient writes back: bioethics and the illness narrative,” no qual ‘bio-ética’ ocupa o lugar de ‘filosofia moral’ e ‘narrativas de doenças’ substitui ‘literatura.’

Em “Literature, power, and the recovery of philosophical ethics,” C. A. J. Coady e Seumas Miller rejeitam a visão culturalista da literatura e do comportamento humano como mera expressão de acção social explicável por forças impessoais determinadas por conflitos políticos. É refrescante encontrar uma concepção de comportamento social que está inequivocamente mais próxima da *Vanity Fair* que de Foucault: “candidates for being constitutively social would be actions performed in highly formalised settings such as wedding ceremonies, débutante balls, law courts and trophy presentations” (203). Sem, todavia, abdicarem da ideia corrente de que a comunicação literária se faz ‘implicitamente,’ Coady e Miller recusam as sobre-determinações ideológicas da literatura e retêm o seu aspecto social apenas na medida em que procura comunicar com indivíduos pertencentes a um grupo social particular, o dos falantes de uma mesma língua, o dos que lêem determinado género literário, etc.

Ainda uma referência a dois ensaios incluídos neste volume: o de Charles Altieri, “What differences can contemporary poetry make?,” que, a partir da análise de poemas de John Ashbery, conclui que a poesia contemporânea requer uma abordagem totalmente diferente da de Martha Nussbaum, dado que a literatura (e a obra de Ashbery, em concreto) exhibe um conjunto de complexidades da contingência subjectiva que Nussbaum negligencia; e o artigo de Jane Adamson, “Against tidiness: literature and/versus moral philosophy,” que analisa com inteligência os conflitos entre as duas disciplinas do ponto de vista dos estudos literários.